

I – A Fábrica de Perus, desmontada está lá fagulha por
fagulha sendo arrebatada pela garra implacável do tempo,
E pelo assovio incontido do vento.

Assim como um monstro vociferante adormecido e
envolvido em profundo sono de contentamento após tanto se
fartar de milhões e bilhões de moedas acumuladas em cofres
brasileiros e estrangeiros para engordar a riqueza do patrão.

E se regozijar dos suores, dos rumores, dos langores
de operários que tinham como sustento de seus sonhos, as forças e
o compromisso vital em trazer ao final do dia o alimento para seu
rebento.

II – Está lá agora!

Nesse instante!

Como um Coliseu assombrado

Desusado e desolado

Ecoando ò passado no presente

Retumbando para Perus, São Paulo, Brasil e o Mundo

O espreitar, o resgate e a justiça devida e subtraída

Dia após dia

Meses após meses

Anos após anos

Que marcou para sempre

O ressurgir no seio dessa gente

Trabalhadora e merecedora

Chamada bravamente de Queixadas

Queixadas que juntos podem mais

Do que qualquer furacão

Do que qualquer obstinação

Do que qualquer imposição

Os Queixadas...

Que noite após noite

Sol ou chuva

Fé ou desalento

Lutaram bravamente

Durante 07 anos incessante

Dizendo não ao patrão

Cão danado

Irado e ávido
Por capital, produção e poder
Fábrica de Cimento de Perus
A extrair da terra até a exaustão
Minérios e outros componentes
Para produzir cimento
Cimento produz pó, poluição e doença
Doença que antecipa a morte
Congelando a respiração e a razão
Em viver com prazer em um mundo
Que deveria ser de todos e para todos

III – Como a própria história atesta
Impérios caem
Governos se desfazem
O que ontem era poder
Hoje são cinzas e fósseis
Encalacrados no subsolo do desabamento

IV – Estamos hoje aqui a cantar, resgatar, bendizer,
Reverenciar e nos exemplar
Com a luta, a vitória e a saga
De bravos operários
Que não somente tinham força
De espírito e mão de obra
Mas, também havia de sobra
Esperança, garra, ousadia e utopia.

Estamos hoje aqui para lhes pedir bênçãos
E nos transmitir suas gloriosas lições
Não mostrada no Fantástico
E nem cantada nos livros didáticos
e paradidáticos das escolas sucateadas e desmontadas
a ensinar conteúdos vagos e desnorteados.

Estamos hoje aqui para nos reunirmos novamente
Qual semente

Que procura fértil solo
Para produzir e reproduzir
Lindas fábulas, causos e heróicos feitos
Tradição e oração
Pão e guarnição
Fraternidade, solidariedade e ação.

V – Nessa terra de muita luta
Onde quem faz mel não desfruta
Quem corta a cana não toma o caldo
Quem trabalha a terra só se ferra e se caleja.

VI - Nessa terra
Onde se enterra a Alma
Em prol ao lazer do Patrão
à impunidade e lambança do Mensalão
Ficarão os capitalistas glutões
Com cimento, ferro e milhão

Todavia
Nós herdeiros verdadeiros
Dessa história que não se cala
Mesmo que se chibate nossa fala
Nós iremos para outros mares
Outros lugares
E ainda que “o mar vire sertão
E o sertão vire mar”
As raízes matrizes
Dos Queixadas, seus netos e bisnetos
Parentescos e camaradagens
Cantarão e contarão
Esse drama que o poder dos engravatados
Teimam em ver o enredo queimado.

VII – Tudo passa
Tudo vai
Tudo esvoaça
E se dissolve
O vento e o tempo
Ossos e bagaços
Espaços e estilhaços
Porém, a memória
De trabalhadores que fizeram a história
Aqui hoje é recontada
Refeita e ritualizada
Para que jamais seja ignorada.

VIII -O mundo mudou
E o que tinha sentido
Desandou...
De repente!
Ficamos sem chão
E a tão esperada revolução
Quase nada mudou
Porém, acirrou
E ainda suplantou
O sonho por liberdade
Igualdade e socialização
Desembocando na globalização.

IX – E como uma enxurrada de madrugada
Ficamos órfãos
E todas aquelas promessas
De um novo mundo
Foi abismo abaixo
Empurrado
Com a força
De um vendaval de ilusão.

X - A globalização coroou a tecnologia
A tecnologia por sua vez
Concretizou
E fez o parto
E o advento
Do “Admirável mundo novo”
E nos quatro cantos o mundo inteiro gritou
Viva a eletrônica informática aldeia global

XI - De repente!...
O que era verdade se evaporou
O que era redenção se esfumou
E a maioria de joelhos em louvação
A objetos micros e macros de prazer e ficção
Congelaram a história, a memória e a emoção

XI - Quanto a nós “quilombolas urbanos”
Berrando e se angustiando
Com atos desumanos
Lutamos obstinados
Pela estrela da manhã
Pela nova aurora de cantos ensolarados.

XII – Existe algo aqui e agora
Que nos toca e nos aquece
A nos impulsionar nossos passos
A reforçar nossos laços
Para abolir todas as fronteiras
Para quebrar todas as correntes
E semear todas as sementes.

XIII- E dessas sementes
Nasçam flores, frutos e uma nova seiva
Que cure a dor do guerreiro

Que fertilize o terreiro inteiro
Que faça ninar a criança abandonada
Que entoe num só “canto banto”
A injustiça antiga dos povos arrancados
De sua terra
Do seu seio
Do seu esteio
E definitivamente
O exemplo e os valores
De Queixadas envelhecidos

Nos traga uma nova inspiração
Uma nova união
Uma revigorante poção
De esperança
Um novo ritmo de dança
Uma incontível perseverança
Avante irmãos!...
É hora de festejar.

Texto concluído a partir de novas
proposições e sugestões de Valmir e
Andréia.

Perus-SP, 13-09-12

Marins Godói